

A EVANGELIZAÇÃO COMO PROXIMIDADE E ENCONTRO

Raymundo Camacho Covarrubias
bepcamacho@yahoo.com.br

RESUMO: Através deste artigo será feita uma releitura e análise da ação missionária da Igreja junto aos povos indígenas, habitantes da região sul do estado do Pará e norte do Mato Grosso, enfocado de maneira particular o povo indígena Mebengôkrê ou Kayapó, como é mais conhecido. A releitura e análise será feita tendo com base no trabalho de Dissertação em Missiologia de Walter Taini, missionários xaveriano, apresentado no ano de 1997, pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo. Será também considerado o trabalho deixado por alguns missionários que atuaram junto aos povos indígenas da região. Da mesma forma, serão feitas alusões aos escritos de antropólogos que tratam da vida e da cultura do povo Kayapó, como também a partir da experiência pessoal. A orientação teológica virá dos documentos da Igreja, sobretudo daqueles que surgiram a partir do espírito do Concílio Vaticano II.

ABSTRACT: Through this article, a rereading and analysis of the missionary action of the Church will be made with the indigenous peoples, inhabitants of the southern region of the state of Pará and northern Mato Grosso, focusing in a particular way on the indigenous people Mebengôkrê or Kayapó, as it is better known. The rereading and analysis will be based on Walter Taini's Dissertation in Missiology, Xaverian missionaries, presented in 1997, by Nossa Senhora da Assunção University in São Paulo. It will also consider the work left by some missionaries who worked with the indigenous peoples of the region. Likewise, allusions will be made to the writings of anthropologists who deal with the life and culture of the Kayapó people, as well as from personal experience. Theological guidance will come from Church documents, especially those that have emerged from the spirit of the Second Vatican Council.

Na época da chegada dos primeiros missionários, os Kayapó eram hegemônicos nessa região.

O termo Me-be-ngô-krê corresponde à autodenominação que esse povo dá de si mesmo; o mesmo significaria: “aqueles que

vieram do buraco d'água". Já a denominação Kayapó, teria sido dada por outros índios, habitantes da região; o significado seria: "aqueles que parecem com macacos"; se referindo à cor preta utilizada no corpo todo, nos momentos de guerra (LUKESCH. 1976, p 18).

O povo Kayapó habita parte na região sul do estado do Pará, e parte na região norte do estado do Mato Grosso, ocupando a terra indígena conhecido como "Terra Indígena Kayapó". Segundo as crônicas dos historiadores, etnólogos e antropólogos, os Kayapó, oriundos da região sul do estado de Goiás, teriam chegado nesta região por volta da segunda metade do século XIX, empurrados pelas frentes de expansão econômica. Já, relatos da história mais próximos, dão conta da presença de alguns grupos de índios Kayapó na região do médio Araguaia, nas últimas décadas do século.

O cenário da atuação missionária propriamente dita foi intercalado entre a Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia e a Prelazia do Xingu, com sede na cidade de Altamira, sendo que, até alguns anos atrás, ambas dividiam o território da nação Kayapó. Os bispos da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia e da Prelazia do Xingu, desde o começo, tiveram preocupação com a evangelização das populações indígenas. Aliás, essas circunscrições eclesásticas foram criadas exatamente para dar assistência às populações indígenas que habitavam às margens dos rios Xingu e Araguaia e seus afluentes.

1. AÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA, ANTES E APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

1.1 Antes do Concílio Vaticano II

Antes do Concílio Vaticano II houve uma presença bastante significativa e importante da Igreja Católica junto aos povos indígenas das regiões do Xingu e do Araguaia. Segundo as crônicas, principalmente aquelas deixadas pelos missionários que atuaram nessa vastidão da região amazônica, a atividade pastoral mais comum era a assim chamada de "pastoral da desobriga", isto é, visita dos padres ou missionários às vilas, incluindo as aldeias

indígenas, uma ou duas vezes por ano, aplicando o sacramento do batismo a todos aqueles que ainda não faziam parte da comunidade cristã católica.

1.1.1 Os Dominicanos em Conceição do Araguaia

Na Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia, os primeiros contatos da Igreja com os povos indígenas aconteceram por volta da metade do século XIX. A presença missionária e a fundação da Igreja, no entanto, só vieram a acontecer no final do século. Segundo as crônicas da história, oral e escrita (ainda presente na memória dos moradores mais antigos da cidade de Conceição do Araguaia), esta aconteceu, com a chegada dos Freis Dominicanos, que vieram à procura dos “povos naturais” que ocupavam toda a vasta região dos vales, formados pelos os rios Xingu e Araguaia.

Tanto a cidade de Conceição do Araguaia quanto a Igreja nasceram juntas com a chegada dos Dominicanos. Grandes nomes como o de Frei Gil de Vilanova e Dom Sebastião Tomás destacaram-se na questão indígena: no contato, na convivência e nas primeiras tentativas de evangelização, de maneira particular entre os povos Kayapó e Carajás. O objetivo principal dos Dominicanos era a evangelização dos indígenas. A missão, no entanto, teve pouco sucesso. Depois de algumas tentativas frustradas e, com a chegada das frentes de expansão, os missionários começaram a dedicar seu tempo nas comunidades e vilas que iam nascendo, até esquecer dos povos indígenas, que por sua vez, iam se afastando estrategicamente dos “civilizados”. Assim é descrita a ação dos primeiros frades Dominicanos, que chegaram à região do Araguaia por volta do final do século XIX.

Três figuras destacaram-se pela prioridade que deram à ação pastoral junto ao povo Kayapó. Frei Gil Vilanova que no fim do século passado trabalhou junto aos Irã-amrãnhre (Kayapó do Araguaia), dom Sebastião Tomás, segundo bispo de Conceição do Araguaia, contatou os Gorotire (Kayapó do Xingu) na década de 1930, e frei Raymond Caron que, nos anos sessenta, viveu junto aos Kayapó-Xikrin do rio Cateté (TAINI, 1997, p. 174).

Dom Tomás, segundo prelado de Conceição, continuando

na mesma linha, deu prosseguimento ao projeto de catequese, iniciado por Frei Gil Vilanova. Além disso, o próprio prelado construiu um seminário destinado especificamente à formação de vocações indígenas.

Nessa época o contato com os grupos Kayapó da região do Alto Xingu era também feito pelos frades dominicanos que, a partir da cidade de Conceição do Araguaia, partiam mata adentro ou pelos rios, nas viagens de desobriga, chegando até os povoados de Novo Horizonte e Nova Olinda, no Rio Fresco e São Félix no rio Xingu.

Os povoados de Novo Horizonte e Nova Olinda, eram na verdade pequenas vilas formadas por extratores do látex da seringa e coletores de castanha, abundantes na região e, de grande valia no mercado nessa época. Mais tarde os moradores das duas vilas foram expulsos pelos próprios Kayapó. Atualmente os espaços são ocupados pelas aldeias de Gorotire, em Novo Horizonte e Kikretum, no lugar ocupado por Nova Olinda. (Diários de campo dos Xaverianos, 1997-2003)

1.1.2 Os missionários do Preciosíssimo Sangue de Cristo na Prelazia do Xingu

Da parte da Prelazia do Xingu, por volta da década de 1940, os relatos dão conta que os Missionários do Preciosíssimo Sangue de Cristo nas suas visitas pastorais às comunidades católicas, que se encontravam ao longo dos rios, incluíam as aldeias indígenas das vizinhanças. Cabe lembrar que, nessa época, a única via de comunicação nessas regiões, eram os rios. Por outro lado, a maioria da população, tanto indígenas quanto colonos, fincavam suas vilas ou aldeias nas beiras ou nas proximidades dos rios. A catequese com os indígenas foi também uma das principais preocupações dos primeiros missionários da Prelazia e dos seus prelados.

Em 1937, os padres Eurico Krautler e Otto Jutz empreenderam sua primeira viagem para o Alto Xingu e no dia 14 de abril daquele ano rezaram a primeira missa junto aos índios Kayapó na localidade Nova Olinda (TAINI, 1997, p. 193).

Ainda por parte da Prelazia do Xingu, na década de 1950, dois padres austríacos, Anton e Karl Lukesch fizeram uma série de visitas pastorais no Alto Xingu. Os irmãos Lukesch tinham como objetivo a organização de uma catequese sistemática entre os índios Kayapó e a fundação de uma missão tanto na aldeia dos Gorotire como na dos Kubenkrakeinh.

No período em que atuaram na Prelazia do Xingu, os padres Lukesch aprenderam a língua Kayapó e o padre Anton traduziu naquele idioma a oração do pai nosso, a profissão de fé, os dez mandamentos e outros elementos básicos do catecismo. No período em que eles se ausentaram do Brasil, os missionários do Preciosíssimo Sangue deram continuidade ao trabalho pastoral junto aos Kayapó visitando as aldeias (TAINI, 1997, p. 195).

1.1.3 Caracterização da ação missionária nesse período

A “catequese aos índios” foi uma das características que marcou a ação missionária na região amazônica até o Vaticano II, representada na sua grande maioria por congregações religiosas.

No período da década de 1940 até 1970, a missão da Igreja junto aos povos indígenas, em toda a região amazônica, se caracterizou por seguir as linhas da chamada: “missão tradicionalista”. Alguns historiadores classificam a catequese aplicada aos índios, como uma forma de cristianização, sinalizada através do batismo. Cabe dizer que, em muitas ocasiões, o batismo dos índios era tido não só como sinal de salvação, mas também como meio de civilização e “integração” na sociedade. Estas atitudes manifestam os sinais claros tanto da colonização como do pensamento e política expansionista dos governos da época.

1.2 Após o Concílio Vaticano II

A partir do Vaticano II, a reflexão teológica sobre a missão mudou de paradigma, dando espaço às novas perspectiva e formas diferentes de conceber o “outro”, o sujeito da missão. A própria ideia clássica que atribuía exclusivamente ao Papa a responsabilidade da missão, passou a ressaltar o papel das igrejas locais, de cada cristão e de cada comunidade cristã (AG 36-41).

1.2.1 Sinais da mudança de paradigma na missão

Mesmo que grande parte das mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II vinham se desenhando em diversos contextos da Igreja, particularmente na África e na América Latina, sua divulgação e assimilação ainda levaram um bom tempo para se inserir na Igreja local e nas comunidades católicas.

Só a partir da década de 1970, o espírito do Vaticano II começou a se manifestar e a ser impulsionado sobretudo nas reflexões e “opções” tomadas pelos bispos nas Conferências Latino-Americanas. Estas opções, que derivam do clamor e da pobreza em que se viviam nos países do terceiro mundo, serviram, ao mesmo tempo, de incentivo para transformar a missão da Igreja mais próxima das práticas de Jesus e da Boa Nova por Ele anunciada (cf. CIMI, Plano Pastoral, 2003. n. 18).

A partir dali, muda também a maneira de conceber a missão. O próprio missionário começa a ter consciência de que tem que se desprender da figura tradicional, daquele que é enviado a ensinar, evangelizar, salvar “o homem e o mundo”. A missão, refletida através do olhar do Vaticano II, é encontro recíproco de aprendizado, evangelização e salvação com “o outro” que clama, o pobre, o excluído, o indígena.

O Cimi, Conselho Indigenista Missionários, criado no início da década de 1970, foi um dos principais sinais da mudança na Igreja do Brasil, sobretudo na relação e nas ações junto aos povos indígenas. Os seus objetivos específicos foram delineados e fundamentados no paradigma da missão suscitado pelo Concílio. Assim, conviver com os povos indígenas nas suas comunidades, na construção de relações de amizade e confiança, cultivando a prioridade do *ser* sobre o *ter* (cf. CIMI, Plano Pastoral, 2003. n. 50).

1.2.2 Os missionários Xaverianos na *prelazia do Xingu*

É nesse período e nesse contexto que acontece a chegada dos missionários xaverianos à Prelazia do Xingu e os primeiros contatos destes com as populações indígenas. Até os anos setenta, a presença dos xaverianos na Amazônia estava ligada com a então

Prelazia de Abaeté do Tocantins. A aproximação às populações indígenas, no entanto, aconteceu graças à solidariedade e colaboração entre as igrejas locais da região.

A abertura à cooperação com a Igreja do Xingu, para os Xaverianos, representou o primeiro passo no processo de aproximação às populações indígenas e a toda a questão da pastoral junto aos índios. (TAINI, 1997, p. 217)

A chegada dos xaverianos à Prelazia do Xingu, e a opção destes pela Pastoral Indigenista, marcou de maneira definitiva a integração por parte da Igreja local do pensamento e espírito do Concílio Vaticano II. Através das opções feita por eles, o modelo “tradicionalista” de fazer missão deu espaço ao novo paradigma, uma forma diferente de conceber e fazer missão.

No testemunho alegre e na presença silenciosa, no diálogo paciente, na contemplação e na ação, na caridade e na luta pela justiça, no anúncio profético e libertador, trata-se de um desdobramento do “Evangelho da Graça”, que é ao mesmo tempo Evangelho da solidariedade” (CIMI, Plano Pastoral, 2003. n. 84).

Desde o início, os xaverianos manifestaram seu interesse pela pastoral junto às populações indígenas. Assim, nos primeiros tempos, deram continuidade às visitas periódicas às aldeias do Alto Xingu e do Iriri, com a intenção de retomar as atividades que até então tinham sido levadas adiante pelos missionários do Preciosíssimo Sangue.

Logo nas primeiras viagens de desobriga manifestaram insatisfação com esse tipo de prática pastoral. Segundo Taini, o padre Renato Trevisan, um dos missionários xaverianos da equipe, assim manifestou em seus relatórios:

Fica na consciência de que a Igreja se apresenta como uma instituição empresarial, cujo responsável é o missionário. Aos olhos dos índios e das populações ribeirinhas, o missionário é o representante de uma organização de caridade todopoderosa, de quem se devia aproveitar o máximo possível. Este estado de coisas criava uma relação nada favorável ao trabalho de evangelização. (TAINI, 1997, p. 351-352)

O objetivo principal das primeiras visitas era de conhecimento mútuo. No entanto, o fato de chegar com o barco cheio de mercadorias, presentes e encomendas acabou comprometendo o objetivo. Por outro lado, como esta era a prática comum até então utilizada, o jeito era se servir dela como instrumento de mudança.

A partir dos questionamentos e inquietudes, os xaverianos decidiram dar um passo à frente. Aceitaram assumir a responsabilidade pastoral da paróquia de São Félix do Xingu cuja área abrangia os territórios da maioria das aldeias Kayapó, no Alto Xingu.

Desde os primeiros contatos com os indígenas, perceberam a importância da aprendizagem da língua, para uma compreensão da cultura do povo Kayapó. Para eles, o conhecimento da língua e da cultura era um elemento essencial para alcançar uma verdadeira convivência com os indígenas. Isso, sem dúvida, ficou muito claro, assumindo assim a comunicação como um dos primeiros desafios a serem encarados.

Com efeito, em 1984, a equipe dos xaverianos no Alto Xingu, incluiu no planejamento anual das atividades pastorais da paróquia de São Félix, tempos e meios reservados para aprimorar-se nos aspectos da língua e da cultura (TAINI, 1997, p. 353).

Não demorou muito tempo para que os xaverianos percebessem que o processo de aproximação com os indígenas precisava avançar. Assim, nas primeiras avaliações da atividade pastoral, consideraram que as visitas aos índios representavam uma fase a ser superada e substituída pela presença permanente nas aldeias de uma equipe de missionários.

O passo seguinte não demorou acontecer. Logo no início de 1984, dois missionários xaverianos deram início ao processo de inserção, indo morar na aldeia de Kikretum do povo Kayapó. Posteriormente, expandiram a presença a outras aldeias vizinhas. Foi assim que deu início a experiência de inserção, junto ao povo Kayapó do alto Xingu. No entanto, devido à mudança dos missionários e outras circunstâncias, a experiência só se estendeu mais ou menos por uma década.

No ano de 1997, uma nova equipe de xaverianos retomou a inserção indo morar na aldeia Mojkàràkò, fundada pelos Kayapó dois anos antes, próxima das duas anteriores. A nova experiência de inserção só foi até o ano de 2003. Devido à carência de pessoal, às transformações conjunturais e políticas da época, e às mudanças dos próprios missionários dentro da Congregação, não foi possível dar continuidade ao processo. Os xaverianos, porém, não deixaram de conviver com os indígenas, a partir dali passaram a desenvolver um tipo diferente de atividade pastoral com os indígenas tendo como referência a cidade. Para isso foi construído um centro de apoio e acolhida na cidade de Redenção, a partir dali foram realizadas visitas periódicas à maioria das aldeias da região.

2. ANÁLISE DA AÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA JUNTO AOS KAYAPÓ

Não temos a intenção de ser censores dos missionários que nos precederam, nem das ações pastorais por eles desenvolvidas junto aos povos indígenas da região, seja por parte da Diocese de Conceição do Araguaia, como por parte da Prelazia do Xingu. A pretensão é apenas de fazer uma análise construtiva da ação pastoral da Igreja Católica, dentro de um contexto específico (de lugar e tempo), que possa trazer novas luzes para novas ações pastorais e missionárias, fazendo com que estas sejam cada vez mais contextualizadas com a caminhada da Igreja; em comunhão e diálogo com as culturas indígenas, tornando-se assim um sinal evidente da prática evangélica do próprio Jesus Cristo, que caminha junto com os povos.

2.1 Sinas dos avanços

Sem dúvida, houve grandes avanços na missão junto aos povos indígenas. O fato de que tanto a Diocese de Conceição do Araguaia quanto a Prelazia do Xingu, tenham sido fundadas para dar assistência aos povos autóctones dessa vasta porção na região amazônica é muito significativo, para a Igreja e, principalmente para a missão. Assim, de uma forma ou outra, fincou as suas raízes no

contato e deu início de uma catequese aos povos indígenas que habitavam na região quando ali chegaram os primeiros missionários.

Desde o início da formação da Igreja, seja na Diocese de Conceição como na Prelazia do Xingu, manifesta-se um grande interesse pelas populações indígenas tanto de seus Bispos, Clero e sobretudo das Congregações religiosas, sempre com maior presença nessa região.

Muito importante, e de grande relevância para a missão foi a presença dos dois padres seculares austríacos, que vieram com a intenção de aplicar uma catequese sistemática entre as populações indígenas da Prelazia. Os irmãos Luckesh atuaram nas duas grandes aldeias dos Kayapó, Kubenkrakenh e Gorotire, onde também foram construídas capelas. Alguns dos Kayapó mais idosos, ainda guardam na lembrança o reconhecimento.

Talvez o fato positivo mais palpável da presença dos irmãos Lukesch entre os Kayapó, foi o trabalho do padre Anton, que no segundo período dedicou-se a sistematizar os dados sobre a “Vida e os Mitos” dos Kayapó, que lhe foram contados pessoalmente nas aldeias de Kubenkrakenh e Gorotire, transformando-os numa obra de fundamental importância para o conhecimento e estudo da mitologia Kayapó.

Um outro fato de grande relevância para a Igreja e para a missão, foi a presença das congregações religiosas femininas, que atuaram em ambas as frentes. Na diocese de Conceição, as irmãs Dominicanas, que podem ser consideradas cofundadoras tanto da missão como da cidade, já que chegaram logo em seguida dos frades, com o objetivo de se encarregar da educação das crianças indígenas.

Na Prelazia do Xingu, em 1978, chegaram as irmãs Mayi e Edith, ambas francesas da congregação das Irmãzinhas de Jesus. Nas pegadas de Charles de Foucauld, viviam o carisma da vida de inserção, a exemplo do próprio Jesus Cristo, que se encarnou e viveu uma vida junto ao povo de Nazaré. As irmãzinhas conviveram por vários anos com o povo Assurini do Koatinemo no rio

Xingu, vivendo no meio desse povo a maneira simples do próprio carisma, isto é, “se fazendo assurini com os assurini”. A presença delas é descrita por Taini, citando um comentário do Pe. Renato Trevisan, xaveriano, contemporâneo das irmãzinhas que as descreveu da seguinte forma:

A igreja do Xingu, o Conselho Indigenista Missionário, que tem nas Irmãzinhas de Jesus, Mayi e Edith, duas mulheres que há dez anos convivem, esperam, sofrem e se alegram com o povo Asurini, podem ter a certeza que aquilo que está acontecendo à margem do Rio Xingu, no posto Indígena Koatinemo, é “algo” parecido ao que se chama de reino de Deus (TAINI, 1997, p. 210).

Tantas foram as ações positivas realizadas em favor das populações originais dessa região, que até hoje a Diocese de Conceição e a Prelazia do Xingu possuem um amplo referencial em questões indígenas.

Depois da saída dos dominicanos de Conceição do Araguaia, a questão indígena aos poucos foi deixando de ser prioridade da Igreja. Já por parte da Prelazia, a luta pelos direitos dos povos indígenas continua sendo um dos eixos da ação pastoral, tendo no seu atual “prelado emérito”, um dos maiores defensores da causa indígena no Brasil e pelo mundo afora.

2.2 Alguns sinais de retrocesso

Percebe-se que durante todo esse período, houve a carência de uma catequese específica com as populações indígenas; as visitas às aldeias em nada se diferenciavam da ação pastoral realizada nas vilas e assentamentos com os colonos. A educação estava sob a responsabilidade das irmãs dominicanas, que chegaram no começo do século XX. Logo construíram o Colégio Santa Rosa, por onde passaram alguns meninos e meninas Kayapó, mas até hoje não se tem conhecimento de algum kayapó dessa época que tenha prosperado na educação, ou que tenha assumido o catolicismo, a não ser a Nhàk-ture, ou Maria Eugenia, moradora de Las Casas, antigo posto do SPI, matriarca da aldeia (ainda viva), que não esquece de rezar o Pai nosso e Ave Maria todos os dias.

A chegada dos colonos à região de Conceição do Araguaia foi letal para os Kayapó. Em poucos anos, mais da metade da população indígena morreu por causa das doenças trazidas pelos brasileiros e pelos frequentes conflitos travados com os colonos. Segundo as crônicas, um dos motivos pelos quais os dominicanos desistiram da evangelização dos indígenas, teria sido pelo crescente aumento dos colonos que iam chegando; pouco ou nada se fala da desapareição dos grupos kayapó dos Irá-amrânhre, que habitavam a região na época da chegada dos missionários. Uma população calculada em torno de 2500 índios desapareceu em três ou quatro décadas de presença da Igreja na região. Se referindo ao fato, Taini faz referência ao etnólogo e pesquisador Kurt Nimuendajú, que em 1940 encontrou só seis índios Irá-amrânhre que viviam misturados com a população brasileira e o último sobrevivente deste grupo de Kayapó, uma velha mulher, morreu na aldeia de Gorotire em 1961 (TAINI, 1997, p. 178).

Até o Concílio Vaticano II, e ainda uns anos após, a ação missionária junto aos povos indígenas não conseguiu plasmar uma ação eclesiológica clara, orgânica e sustentável. Mesmo destacando a boa e heroica vontade de alguns missionários, nem sempre suas atividades corresponderam com a realidade da igreja local. As congregações, muitas vezes acabavam assumindo projetos que davam prioridade às orientações de si mesmas e não da Igreja local. Se o projeto dava certo, os méritos eram da congregação ou do missionário que realizava o projeto; se não dava certo, acabava sobrando para quem estava a serviço da Igreja local ir costurando as peças que ficavam espalhadas em uma e outra aldeia.

2.3 Alguns sinais de descontinuidade

O fato das dioceses e prelazias da região amazônica, desde o início, terem delegado a ação missionária junto aos povos indígenas às congregações e a padres que vieram de fora, quando estes foram embora, criou-se uma descontinuidade no processo de evangelização: ou porque não conseguiram realizar o objetivo; ou porque se empenharam num projeto pessoal concebido a partir de uma realidade totalmente diferente da Igreja local.

Dessa forma gerou-se certa antipatia no clero local e nos agentes de pastoral em relação à atuação junto aos povos indígenas, até então considerada tarefa das congregações. Para o clero local ficava de bom tamanho conseguir atender as comunidades católicas dos colonos, espalhadas nas vastidões dos territórios das Prelazias, sem mostrar qualquer interesse ou responsabilidade pela evangelização dos indígenas.

Em relação aos projetos de catequese e evangelização, fica sem resposta a questão sobre a mudança de rumo na ação missionária junto aos povos indígenas, tanto na Diocese de Conceição do Araguaia, como na Prelazia do Xingu. O fato chama a atenção, por ter acontecido no tempo em que os “ventos favoráveis vindos do Sul começavam a soprar”.

Não se sabe bem o que aconteceu com os dominicanos. As crônicas afirmam que, com o aumento dos colonos, estes acabaram dedicando maior parte do seu tempo à atividade da pastoral comum. Certamente, boa vontade e entrega à missão por parte deles não faltou: mais de meio século de convivência com os povos indígenas não pode ser deixado de lado.

Olhando nas entrelinhas das crônicas contemporâneas, aparecem alguns fatos relevantes. Entre eles, podemos citar a situação catastrófica que dizimou a maioria das populações indígenas, na região do Araguaia, produzida no contato com os colonos, que chegavam em grandes quantidades e, junto, trouxeram doenças que acabaram com os indígenas. Tal situação, não entando, fugia do alcance dos próprios missionários, que talvez pensando na preservação do resto das populações, deixaram de lado o projeto inicial. Caso os dominicanos tivessem se orientado nesse sentido, a ação se justificava através das máximas dos “condicionalismos”.

A diferença que nesta atividade da Igreja se tem de reconhecer, não se origina na natureza intrínseca da missão, mas nos condicionalismos em que essa missão se exerce. Esses condicionalismos tanto podem depender da Igreja como dos povos, dos agrupamentos ou até dos indivíduos a que a missão se dirige. (AG 6).

Com o abandono do projeto de evangelização por parte dos

dominicanos, e a saída dos padres Lukesch da região do alto Xingu, a ação missionária junto aos povos indígenas da região, ficou praticamente relegada à margem.

Isso, porém, não significa que a ação missionária da época seja vista de forma negativa. Faz parte de um período da história da ação missionária da Igreja, que nós analisamos a partir de outras perspectivas, apoiados nos próprios avanços da reflexão teológica, pastoral e missionária que vai se gestando dentro da própria Igreja.

A própria adesão dos povos à fé cristã é um processo que contempla diferentes aspectos, nem sempre acontece de forma padronizada ou linear. Cada povo tem suas características. A reflexão da Igreja se orienta com esses princípios, quando afirma que:

A Igreja, de fato, embora de si possua a totalidade ou a plenitude dos meios de salvação, não atua nem pode atuar sempre e imediatamente com todos eles, mas vai por tentativas e por passos na ação e no seu esforço de levar a efeito o designio de Deus. (AG 6)

Muitas destas práticas só mudaram a partir do Concílio Vaticano II, sobretudo com os missionários que vinham já imbuídos no espírito do Concílio e, sobretudo, com desejos de ver as mudanças acontecer. Isso, porém, não é fácil de se realizar, nem acontece da noite para o dia. Trata-se de um longo e árduo processo que se estende até os nossos dias, dali que as mudanças e a continuidade seguem sendo um desafio para os missionários que enveredam pelo caminho da “evangelização dos povos indígenas”, pelo qual outros muitos já passaram.

Tais mudanças começaram a vislumbrar na ação dos primeiros xaverianos que atuaram na Pastoral Indigenista da Prelazia do Xingu. O novo paradigma da missão, suscitado pelo espírito do Concílio Vaticano II, começa a se desenhar na ação e nas opções que foram assumindo. No entanto, a experiência de inserção e inculturação iniciada pelos xaverianos, que se prolongou por mais ou menos duas décadas, não foi imune aos equívocos antes apontados. Ela, também, acabou parando no começo do processo.

Devido a diversos fatores e ao contexto social e político pelo

qual estavam passando os povos indígenas, os ‘avanços e retrocessos’ se tornaram uma constante na ação missionária junto aos indígenas da região. Optando-se então por uma evangelização implícita, a partir do diálogo e da vivência dos valores evangélicos junto às comunidades indígenas, em consonância com a Igreja, e seguindo as orientações do Cimi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da explanação do processo histórico e da análise da ação missionária da Igreja, presente na Diocese de Conceição do Araguaia e na Prelazia do Xingu, tentamos expor os entraves e as dificuldades que a Igreja encontrou e continua encontrando na evangelização junto aos povos indígenas dessa região. Ao mesmo tempo, a síntese dos relatos históricos da missão de Igreja nos períodos anterior e posterior ao Concílio, nos dão uma visão de pano de fundo e o ponto em que se encontra a relação da Igreja com os povos indígenas. Do contrário, poderia se pensar, que a evangelização e implantação da Igreja junto aos povos indígena aconteceu com a chegada dos dominicanos na região do Araguaia, ou com a fundação da Prelazia do Xingu em Altamira.

É evidente que houve sim uma missão, um anúncio, uma tentativa de catequese. Mas é bom também reconhecer que não chegou a se concretizar uma evangelização no sentido pleno da palavra. A Igreja foi implantada na região, mas não com os povos originários dessas terras se reconhecendo cristãos católicos.

Só a partir da década de ‘70 é que o espírito do Vaticano II começa a se manifestar. E ainda assim, impulsionado sobretudo nas reflexões e “opções” que foram tomadas pelos bispos nas Conferências Latino Americanas.

Tanto o período anterior ao Concílio como o posterior, aqui descritos, fazem parte constitutiva da missão entre as diversas populações e culturas existentes na região. Os dois períodos, com seus acertos e desacertos, se interligam. Nos seus acertos, o primeiro período serviu de trampolim na superação de um paradig-

ma que não correspondia mais aos anseios e avanços da reflexão teológica da Igreja universal e, que viria a se concretizar no novo paradigma que nasceu do pensamento e espírito do Concílio Vaticano II. Dessa forma, o Concílio abriu caminhos para uma conexão evangélica com a história e as culturas dos povos deste Continente. Segundo as palavras de Paulo Suess, “no intuito de inserção e inculturação no meio dos povos, sem se constituir censor de seu passado, juiz de seu presente ou profeta de seu futuro” (SUESS, 1992, p. 379-380).

A análise desses dois períodos da Missão não teve a pretensão de ser exaustiva, e sim, exortativa. De uma parte, porque a partir do aprofundamento e mergulho no tema da missão abrem-se novas expectativas na caminhada junto aos povos indígenas, com a plena consciência de que a evangelização não termina com a implantação da Igreja; por outro lado, porque ao invés de respostas exaustivas, surgiram novas pistas e orientações que nos indicam que a caminhada da Igreja nos rumos da missão, é contínua e indeterminada.

Nessa continuação, e à luz das novas orientações suscitadas, acreditamos encontrar respostas não só para o futuro da missão junto aos povos indígenas, mas também para a sugestiva pergunta implícita no título deste trabalho: “como ver hoje o Evangelho junto aos povos indígenas?”

Consideramos que o anúncio da Boa-Nova do Reino de Deus, explícita ou implicitamente, não é uma imposição, mas uma oferta “a todos homens e mulheres, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus” (CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*, 1999-2002, n. 224; EN 27).

Temos também presente que o discernimento sobre a hora certa desse anúncio não depende propriamente da programação dos missionários e missionárias, porque o anúncio não é um evento, mas se insere em um processo complexo de relação e partilha com os povos indígenas. É a convivência, a experiência histórica e a necessidade de cada povo que determina a agenda de sua evangelização (CIMI, Plano Pastoral 2003, n.109).

Na certeza de que a missão é contínua, fica, portanto, o desafio, para todos aqueles que desejam enveredar nos rumos do caminho do Mestre Jesus Cristo, de manter viva a chama da esperança, na vivência dos valores do Evangelho, no meio dos povos e culturas tradicionais. E para os que já estamos no caminho, fica a responsabilidade pela procura dos aspectos e elementos que melhor se adequem às exigências da missão contemporânea, em comunhão com a Igreja e no respeito aos valores e às culturas de cada um dos povos, para que seja por todos conhecido e amado, Nosso Senhor Jesus Cristo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIMI. **Plano Pastoral 2005**. 3ª ed. Brasília: CNBB, 2013.

LUKESCH, Anton. **Mitos e vida dos índios Caipós**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono**. 5ª ed. São Paulo: FTD, 1995.

_____; _____. **Brasil Indígena, 500 anos de resistência**. São Paulo: FTD, 2000.

SUESS, Paulo (org.). **Os Confins do Mundo no meio de nós**. Simpósio Missiológico. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. **Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. Evangelizar os Pobres e os Outros a partir de suas culturas. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, RJ, v. 52, n. 206, 1992, p. 364-386.

TAINI, Walter. **Os Missionários Xaverianos junto ao povo Mebêngôkre do Alto Xingu**. -dissertação de Mestrado em Teologia Dogmática, com especialização em Missiologia. Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1997.

VIDAL, Luz. **Morte e vida de uma sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1977.